



PORTO GOUVEINHA, UMA PAISAGEM E SUAS TRAVESSIAS: UM MOSAICO DE ENCONTROS E REENCONTROS ENTRE AS CULTURAS MINEIRA E GOIANA

PORTO GOUVEINHA, A LANDSCAPE AND ITS CROSSINGS: A MOSAIC OF MEETINGS AND REUNIONS BETWEEN MINAS GERAIS AND GOIÁS CULTURES

PUERTO GOUVEINHA, UN PAISAJE Y SUS TRAVESÍAS: UN MOSAICO DE ENCUNTROS Y REENCUNTROS ENTRE LAS CULTURAS DE MINAS GERAIS Y GOIÁS

Isabella Cunha Araújo

Universidade Estadual de Goiás (UEG/Quirinópolis)

E-mail: isabellageoueg@hotmail.com

Jaqueline Alves Pereira

Universidade Estadual de Goiás (UEG/Quirinópolis)

E-mail: jakejoy_16@hotmail.com

Jean Carlos Vieira Santos

Universidade Estadual de Goiás - UEG Campus Caldas Nova

E-mail: svcjean@yahoo.com.br

RESUMO:

Este estudo tem como objetivo apresentar o Porto Gouveinha, do Rio Paranaíba, com base nas lembranças de balseiros responsáveis pelas travessias de pessoas, mercadorias, carros, ônibus e caminhões entre os interiores mineiro e goiano. Busca-se compreender os eventos pretéritos que explicam a situação presente da paisagem analisada, território compreendido como um mosaico de encontros e reencontros entre as culturas mineira e goiana no cerrado brasileiro. A pesquisa parte da discussão sobre o conceito de memória, na dimensão centralizadora que visa integrar o debate proposto à realidade encontrada no Porto Gouveinha, perpassando a trajetória histórica de suas travessias constantes nas memórias de sujeitos sociais que vivenciaram tal paisagem em outros tempos. Pode-se dizer que a presente investigação utiliza os métodos analítico e de estudo de caso, com abordagem qualitativa. Quanto aos aspectos metodológicos, a investigação foi dividida em duas fases – pesquisa documental (levantamento das referências) e trabalho de campo – e, por meio deste, construiu-se o material fotográfico e foram obtidos os relatos dos pesquisados, trazendo as vozes de balseiros como o principal resultado deste artigo.

Palavras-chave: balseiros; cultura; memória; Paranaíba; porto.

ABSTRACT:

This study aims to present Gouveinha Port, of Paranaíba River, based on the memories of “ferryman” responsible for people, goods, cars, buses and trucks crossings between the interiors of Minas Gerais and Goiás. It seeks to understand the past events that explain the present situation of the analyzed landscape, a territory understood as a mosaic of meetings and reunions between the cultures of Minas Gerais and Goiás in Brazilian cerrado. The research begins from the discussion about the concept of memory, in the centralizing dimension that aims to integrate the proposed debate to the reality found in Gouveinha Port, overarching the historical trajectory of its crossings constant in the memories of social subjects who have experienced such landscape in other times. It can be said that the present investigation uses the analytical and case study methods with a qualitative approach. Regarding the methodological aspects, the research was divided into two phases – documentary research (references survey) and fieldwork – and, through that, the photographic material was constructed and the report of the researched people were obtained, bringing the voices of “balseiros” as the main result of this article.

Keywords: boatmen; culture; memory; Paranaíba; port.

RESUMEN:

Este estudio pretende presentar el Puerto de Gouveinha, del Río Paranaíba, a partir de los recuerdos de “balseiros” responsables de la travesía de personas, mercancías, automóviles, autobuses y camiones entre los interiores de Minas Gerais y Goiás. Busca comprender los acontecimientos pasados que explican la situación actual del paisaje investigado, un territorio entendido como un mosaico de encuentros e reencuentros entre las culturas de Minas Gerais y Goiás en el cerrado brasileño. La investigación parte de la discusión sobre el concepto de memoria, en la dimensión centralizadora que pretende integrar el debate propuesto a la realidad del Puerto de Gouveinha, superando la trayectoria histórica de sus cruces constantes en los recuerdos de los sujetos sociales que han experimentado tal paisaje en otros tiempos. Se puede decir que el presente trabajo utiliza los métodos analíticos y de estudio de casos con un enfoque cualitativo. En cuanto a los aspectos metodológicos, la investigación se dividió en dos fases – la investigación documental (encuesta de referencias) y el trabajo de campo – y, a través de ella, se construyó el material fotográfico y se obtuvo el informe de los investigados, llevando las voces de “balseiros” como principal resultado de este artículo.

Palabras clave: “balseiros”; cultura; memoria; Paranaíba; puerto.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo apresentar o Porto Gouveinha, do Rio Paranaíba, com base nas lembranças de balseiros responsáveis pelas travessias de pessoas, mercadorias, carros, ônibus e caminhões entre os interiores mineiro e goiano, com vistas a compreender os eventos pretéritos que explicam a situação presente do território investigado, contextualizado e analisado. Nas palavras de Santana e Santos (2016-2017, p. 669), esse território “[...] é um mosaico de encontros e reencontros entre as culturas mineira e goiana no cerrado brasileiro”.

Nesse contexto, a pesquisa aqui realizada tem como ponto de partida a discussão do conceito de memória social, na dimensão centralizadora que visa integrar o debate proposto à realidade encontrada no Porto Gouveinha, perpassando pela trajetória histórica de suas travessias presentes nas memórias de sujeitos sociais que vivenciaram em outros tempos essa paisagem.

Com base em Boaventura (2007, p. 119-125), pode-se dizer que o presente trabalho utiliza os métodos analítico e de estudo de caso, por entender que existe uma relação próxima entre eles, isto é, uma investigação qualitativa – este último representa um considerável efeito “[...] prático, empírico e indutivo de pensar e praticar, sendo um instrumento didático, pois a aprendizagem centraliza-se passo a passo. Consiste na observação detalhada de um contexto, indivíduo ou de um acontecimento específico”.

Enquanto isso, o método analítico é realizado por meio da leitura do vivido e dos fatores percebidos durante os trabalhos de campo. Na construção desse tipo de pesquisa, as observações empíricas são fundamentais, visto que levam a compreender os aspectos naturais e humanos, bem como as limitações das paisagens (SANTOS, 2010).



Ademais, o presente trabalho considera as entrevistas realizadas com os sujeitos balseiros em uma perspectiva qualitativa. Esta diz respeito à linha de investigação que não procura seguir um plano elaborado com rigidez (SANTOS; SILVA, 2016), mas sim uma abordagem que se encontra estruturada num referencial cultural que traz, a partir das vozes dos entrevistados, elementos importantes para articular a reflexão teórica ao lugar de idas e vindas no Rio Paranaíba.

Quanto aos aspectos metodológicos, a investigação foi dividida em duas fases – pesquisa documental (levantamento das referências) e trabalho de campo – e, por meio deste último, construiu-se o material fotográfico e foram obtidos os relatos dos pesquisados. Os trabalhos de campo são primordiais para:

[...] desestabilizar o pesquisador e desafiá-lo a ir além, a responder a novas perguntas que surgiram a cada novo movimento. O trabalho *in loco* tira-o do senso comum, dos limites das páginas dos livros e é a melhor maneira de fazer com ele sinta o objeto de estudo e se integre com o mesmo, podendo ler a paisagem, espacializar a pesquisa e desvendar a problemática (MARQUES, 2017, p. 23).

Marques (2011) destaca que o trabalho *in loco*, além de enriquecer a pesquisa com material ilustrativo e fontes primárias, permite ler a paisagem, espacializar a investigação e decifrar/desvendar a problemática, desenvolvendo o trabalho e buscando respostas aos questionamentos levantados. Em alguns momentos do campo, o inesperado se impõe, fazendo reavaliar o cenário posto e superar as barreiras da observação. Para Santos (2010, p. 30), o levantamento fotográfico durante os trabalhos de campo é imprescindível para a documentação de grupos sociais, por registrarem cotidianos e revelarem identidades:

É um olhar que transpassa as aparências e busca fazer história com intensidade, por intermédio da documentação detalhada e reconhecidamente singular, moldando, nos seus quadrantes, as particularidades e diferentes lógicas regionais repletas de informações e inseridas no texto desta investigação, proporcionando uma intimidade da parte escrita com o objeto de estudo.

A balsa do Porto Gouveinha, objeto de estudo deste artigo, está localizada entre os municípios de Ipiacu (Minas Gerais) e Inaciolândia (Goiás), na represa da Hidrelétrica de São Simão, no Rio Paranaíba. Os trabalhadores aposentados e na ativa da balsa são residentes do meio urbano de Ipiacu/MG; por isso, o presente trabalho dará maior ênfase e substância à paisagem portuária do lado mineiro.

De acordo com a Prefeitura de Ipiacu (1993), o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE, 2006) e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE,

2017), a área total do município chega a 466,020 km², com altitude máxima de 551m, no montante da cabeceira do Córrego Canga; e mínima de 381m, ao longo do Rio Paranaíba, onde está localizado o objeto de estudo deste artigo.

Ainda segundo o IBGE (2017), a estimativa de população residente é de 4.285 habitantes. No estado de Minas Gerais, Ipiacu pertence à microrregião de Ituiutaba, mesorregião do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, a uma distância de 750 km da capital Belo Horizonte, e faz limite interestadual com o estado de Goiás. As coordenadas geográficas do município de Ipiacu são de 18° 41' 30'' S e 49° 56' 55'' W.

2 MEMÓRIA: UM CONCEITO A PARTIR DO OLHAR E DA PESQUISA GEOGRÁFICA

Talvez, a valorização do passado do Porto Gouveinha esteja presente apenas nas memórias de antigos balseiros e de viajantes, especialmente goianos e mineiros que, durante décadas, realizaram travessias pelo Rio Paranaíba. Na literatura regional, não há relatos e pesquisas científicas sobre idas e vindas de sujeitos por essa paisagem, deixando uma imensa lacuna sobre tal assunto.

Nesse contexto, pode-se dizer que este artigo é um trabalho de Geografia que apresenta, a partir do conceito de memória, um território que sofreu mudanças significativas de valores sociais, culturais, ambientais e econômicos ao longo do tempo. Abreu (2012, p. 19) discorre em sua obra que a valorização do passado ou do que sobrou dele na paisagem ou nas instituições de memória (museus, arquivos, bibliotecas) “[...] dá-se hoje de forma generalizada no mundo, refletindo a emergência de uma nova relação identitária entre os sujeitos do final do século XX e os conjuntos espaciais que lhes dão ancoragem no planeta, sejam eles os Estados-nações, as regiões ou lugares”. O passado:

[...] é uma das dimensões mais importantes da singularidade. Materializado na paisagem, preservado em “instituições de memória”, ou ainda vivo na cultura e no cotidiano dos lugares. [...] A busca da identidade dos lugares, tão alardeada nos dias de hoje, tem sido fundamentalmente uma busca de raízes, uma busca de passado (ABREU, 2012, p. 21).

No entanto, sabe-se que, em 2017, o poder público no município de Ipiacu não tem se preocupado com a história do Porto Gouveinha, dado que não há nenhum projeto da classe política local com o objetivo de valorizar ou preservar/recuperar/restaurar o que ainda existe dessa paisagem. Para Abreu (2012, p. 24-25), a memória de um lugar, é, portanto, “[...] uma memória



coletiva, mas não se desvincula da memória individual. Muitas memórias de pessoas que viveram acontecimentos importantes de uma cidade se perderam e se perdem no tempo!”.

Tal caso pode ocorrer com o território aqui investigado no interior de Minas Gerais. Para alguns autores:

A ideia de uma memória individual se apoia mais precisamente na percepção evolutiva do sujeito, cuja lembrança se ultrapassa e se distancia no tempo, assumindo características pessoais, pois se confunde no processo cognitivo do sujeito que transformou biologicamente e culturalmente sofrendo assim as forças das influências dos vários grupos sociais que pertenceu e tenha influenciado na visão de mundo (NOGUEIRA; LIMA, 2012, p. 133).

Enquanto isso, Abreu (2012, p. 26) assevera que a memória tem uma dimensão individual, “[...] mas muitos dos seus referentes são sociais, e permitem que, além da memória individual, que é por definição única, tenhamos também uma memória intersubjetiva, uma memória compartilhada, uma memória coletiva”. O autor ainda lembra, em seu trabalho, que há diferenças essenciais entre memória e história. A primeira, seja ela coletiva ou individual, é sempre seletiva: só se lembra daquilo que se quer lembrar. Por essa razão, a memória é parcial, descontínua e vulnerável a todas as utilizações e manipulações.

Por sua vez, a história busca a objetividade, mas nunca conseguirá atingir a objetivação total, chegando muito mais perto dela do que a memória. A Geografia contribui sobremaneira para a discussão e a reconstrução da memória dos lugares, e os geógrafos históricos têm sido grandes desafiadores desses dogmas (ABREU, 2012). Limonad (2007, p. 161) destaca que “[...] espaço e história não podem ser dissociados e ambos estão indissolúvelmente ligados à vida social”.

A paisagem do Porto Gouveinha condensa em si cristalizações de um trabalho social realizado no passado, de diferentes momentos históricos de mineiros e goianos. À luz desses discursos sobre o território de idas e vindas, Brandão (1998) salienta que ao trabalho da memória cabe uma necessidade de redenção das épocas passadas na história humana, e ela se processa também com um acúmulo de injustiças. Os que as sofreram – os outros-próximos – já não podem mais ser redimidos no curso social dos acontecimentos, pois são irreversíveis como a história.

Eis que “[...] cada geração é responsável por viver uma nossa própria história, e por escrever essa nossa história em si mesma e também através da história irreversível dos acontecimentos realizados pelos que nos antecederam” (BRANDÃO, 1998, p. 33). A memória do Porto Gouveinha (Figura 01) também se faz presente nas fotografias, dado que elas “[...] evocam lembranças, emoções, impressões e, por outro lado, estimulam a imaginação daqueles que não têm ligação com

quem foi fotografado. A utilização das imagens fotográficas desencadeia percepções de memória e história” (MORAES, 2012, p. 83).

Figura 01: Ancoradouro do Porto Gouveinha, do lado de Goiás, 2017



Ancoradouro do Porto Gouveinha do lado de Goiás

Fonte: SAGIM JÚNIOR; SAGIM, 2000, p. 62

Dessa forma, a Figura 01 apresenta não apenas um território histórico, mas um porto que está impregnado nas memórias de mineiros e goianos. Para Evelyn e Ferreira (2002, p. 64), no que se refere à investigação histórica, documento e leitor refletem como um conjunto homogêneo de representação que manifesta o imaginário sociocultural da época. Os autores lembram que considerar “[...] qualquer documento como empírico pode ser uma fragilidade na pesquisa. Ele é sempre monumento, transbordado pelo imaginário. Essa memória se torna congelada pela fotografia, seja o vivido no urbano ou rural”.



Ao concluir esse aporte teórico sobre a memória no contexto da Geografia, pode-se aportar na literatura de Sousa Neto (2014, p. 6), destacando que, na contemporaneidade, se vive um tempo da memória mineral:

Agora, no momento em que vivemos, teríamos voltado à memória mineral, uma vez que conservamos nossas informações em computadores feitos de silício, em *tablets* que reproduzem de certa maneira as primeiras tábuas de argila, mas podem guardar uma infinidade muito maior de livros do que podiam fazê-lo alguns mosteiros medievais ou enormes bibliotecas públicas.

A produção do conhecimento aumenta a capacidade de guardá-lo: vivem-se novos tempos memoriais, mas não se abandonam as memórias de sujeitos que fizeram (e fazem) parte de lugares como o Porto Gouveinha, às margens do Rio Paranaíba. A seguir, o trabalho apresentará esse território, com seus conteúdos pretéritos e contemporâneos.

3 TERRITÓRIO PRETÉRITO E CONTEMPORÂNEO DO PORTO GOUVEINHA: MEMÓRIAS DE UMA PAISAGEM DE TRAVESSIAS

Inicialmente, convém salientar que, para Bueno (1996, p. 92), a balsa (Figura 02) é definida como “[...] embarcação marítima ou fluvial para transporte de cargas ou veículos; jangada”. O mesmo autor traz o conceito de porto como “[...] lugar de abrigo e ancoradouro de navios; lugar de embarque e desembarque de passageiros e mercadorias de navio; abrigo, lugar seguro” (BUENO, 1996, p. 518).

Figura 02: Balsa ancorada às margens do Rio Paranaíba, no município de Ipiacu/MG, 2017



Fonte: ARAÚJO; PEREIRA, 2015

Nesse contexto de reconstrução da memória de balseiros, vale ressaltar que o recorte temporal deste artigo é a partir da década de 1950, com a construção e implantação da balsa do Porto Gouveinha, até a segunda década do século XXI. No entanto, o aspecto histórico desse local se divide em dois períodos de trajetórias distintas: o primeiro engloba 1951 até meados de 1976, e o segundo, de 1977 até os dias atuais, devido a uma nova (re)organização espacial que modificou o trajeto original.

Em 1951, João de Oliveira Gouveia (vulgo Gouveinha), natural da cidade de Prata/MG, e Lupércio Veludo colocaram em operação uma balsa responsável pelo transporte de mercadorias, animais e pessoas entre os estados de Goiás e Minas Gerais, unindo as cidades de Quirinópolis/GO e Ipiacu/MG por meio do rio, com a intenção de facilitar a travessia do Rio Paranaíba que durava, em média, um dia de viagem a cavalo até a fazenda deles; e de estabelecer contato com o Triângulo Mineiro a partir do município de Ipiacu/MG, diminuindo substancialmente o tempo de duração da viagem entre Quirinópolis/GO e Ituiutaba/MG (SAGIM JUNIOR; SAGIM, 2000).

Nesse sentido, Santos (2010, p. 129) destaca que, para abrigar as famílias dos empregados da empresa de navegação, foram construídas as primeiras casas no lado goiano do Porto Gouveinha e, com o passar do tempo:

[...] chegaram mais pioneiros para a região, formando um povoado que recebeu o nome de Porto Novo ou Porto do Gouveinha. Em 1954, Gouveinha, Antônio Franco Barbosa (Totonho) e Conceição Martins Franco fundaram a navegação Minas Gerais S/A. Nesse período, o povoado passou a se chamar Gouvelândia. No dia 24 de agosto de 1963, foi criado o distrito de Gouvelândia, conforme Lei Municipal número 315 e instalado em 08 de março de 1964. Segundo os antigos usuários da balsa.

Enquanto na parte goiana surgiu um núcleo urbano na década de 1950, o lado mineiro (município de Ipiacu/MG) permaneceu apenas com a infraestrutura de atendimento (embarque e desembarque) dos viajantes que passavam pela paisagem. Nos diálogos e nas entrevistas que ocorreram durante os trabalhos de campo, foi percebido o momento de ruptura na paisagem, isto é, a construção do reservatório da Hidrelétrica de São Simão em 1978, que provocou mudanças do núcleo urbano goiano e de localização do porto, tanto do lado mineiro quanto na parte goiana.

Essa ruptura transformou as tramas cotidianas do Porto Gouveinha, porém não deixou de cumprir sua função de travessia, algo culturalmente vivo na memória de sujeitos sociais que, mesmo enraizados em outros lugares, mantêm vínculos afetivos com o lugar. Conforme Bueno (1996, p. 92-94), o sujeito social que trabalha na balsa, ou seja, o balseiro responsável pela travessia, tem a mesma definição de barqueiro – “[...] dono, piloto de barco”. Por sua vez, o



primeiro entrevistado (J. J. A.), que trabalha na balsa do Rio Paranaíba desde 1997, diz que ser balseiro:

É o tipo de serviço, quando vi [sic] pra cá, geralmente não sabia fazer nada, né, aprendi esta profissão, pra mim é a profissão ideal que tô nela, gosto de fazer, né, e tô até hoje. É uma profissão com muita responsabilidade, porque a partir do momento que se trabalha com gente, com vidas, tem todo um treinamento (Relato de pesquisa de campo, out. 2016).

Nas vozes desses sujeitos, há várias concepções do que é ser balseiro. Por isso, é importante destacar a fala do segundo entrevistado (G. F. S.), que atualmente está aposentado e trabalhou no local de 1969 a 1982:

Uai, primeiramente responsabilidade, eu inté costumava [sic] falar que era 62 tonelada [sic] de responsabilidades nas minhas costa [sic], eu levantava todo dia e sabia que eu tinha di sê muito reponsavi [sic] com tudo, tudo mês. Tinha pessoas que sentia muito medo de atarvessa [sic] o rio, assim, se eu não fosse um homi [sic] seguro, eu acabaria ficando nervoso, mas eu era seguro e sabia muito bem o que fazia. Mas eu fui muito bem trenado [sic], se quiser te mostro minha carteira de piloto certificado pela Marinha do Brasil, eu fiquei muitos meses lá em São Paulo na cidade de Santos. [...]. Pensa num lugar lindo! Lá eu aprendi de tudo pra ser um profissional, antigamente as coisa era [sic] mais certa, hoje acho que os pilotos da balsa nem tem essa carteirinha que eu tenho, eu sim sou um piloto, mesmo (Relato de pesquisa de campo, out. 2016).

Durante os trabalhos de campo, constataram-se algumas diferenças na formação profissional desses profissionais, já que um deles teve treinamento certificado pela Marinha do Brasil antes de pilotar a balsa, e os outros, após vários anos de trabalho, adquiriram experiência. Somente a partir da primeira década do século XXI, tais profissionais receberam um treinamento apropriado.

Nessa paisagem do Rio Paranaíba, a profissão de condutor balseiro é considerada tão importante que o terceiro entrevistado (J. E. S.) a herdou de seu pai e ensinou o ofício aos filhos e netos:

É ser criado na balsa aqui, minha família e tudo, todos os seus filhos, do meu filho, do meu pai, de mim e do meu filho. Foi uma transição, então, esta profissão de balseiro veio de seu pai para você, você passou para o Fábio, agora é da minha neta. Agora, todo mundo é [...]. É questão que vem de geração a geração (Relato de pesquisa de campo, out. 2016).

As falas dos entrevistados mostram que:

O lugar como espaço vivido está diretamente ligado à memória. É nele que se constituem as sociabilidades. O lugar está dentro do indivíduo, por vezes, pode não existir mais o espaço físico, como, por exemplo, no caso das áreas que foram inundadas para a construção de barragens ou ainda aquelas com paisagens extremamente modificadas. Nestes casos, o lugar tende a ficar guardado na memória como lembrança de um tempo-espaço que se foi materialmente, mas que permanece registrado no ser (MARQUES, 2017, p. 32).

Para que tal realidade, fundamentada em diferentes memórias de travessias e vivências, não se perca com a história do Porto Gouveinha, propõe-se na próxima discussão deste artigo uma viagem geográfica para lembrar esse passado, isto é, a história de sujeitos com vínculos de pertencimento ao Rio Paranaíba. Porém, cumpre dizer que será impossível esgotar essa literatura de consciência social coletiva.

4 TRAVESSIA DO RIO PARANAÍBA NAS VOZES DOS BALSEIROS

Na abordagem sobre as idas e vindas de uma margem a outra do Rio Paranaíba, Bueno (1996, p. 653) enfatiza que travessia é o “[...] ato de atravessar uma região, um continente, um mar, etc.”. Todavia, no presente trabalho, o conceito será utilizado para definir a dinâmica de deslocamento entre os estados de Minas Gerais e Goiás.

Santos (2010) aborda, em sua Tese de Doutorado, um dos poucos relatos sobre a travessia de balsa no Rio Paranaíba na literatura geográfica regional. Essa pesquisa diz respeito às vozes de sujeitos viajantes que vivenciaram o lugar e o antigo meio de acesso entre os interiores goiano e mineiro, conforme o relato apresentado na pesquisa do referido estudioso:

Do lado mineiro da balsa tinha um butequinho [*sic*] com uma mesa de sinuca. Nele vendia cachaça, salgado, biscoito e bolacha, do outro lado do rio ficava a velha Gouvelândia. A balsa era pequena, cabia dois caminhão [*sic*]. Entrava com o caminhão de ré e saía de frente, tanto do lado goiano como do lado mineiro. Tinha um embarcador e desembarcador de madeira para os caminhão [*sic*] entrar e sair da balsa (Relato de pesquisa informal. Trabalho de campo, set. 2009) (SANTOS, 2010, p. 130).

O relato supracitado destaca a primeira balsa entre Ipiacu/MG e Quirinópolis/GO, antes da formação do lago da Hidrelétrica de São Simão (de acordo com os balseiros entrevistados, essa balsa foi remanejada a partir de 1978). Outro depoimento de grande importância se refere às razões que motivaram os moradores locais (viajantes entre Minas e Goiás) a utilizar a travessia de balsa no Rio Paranaíba, como enfatiza o quarto entrevistado (Sr. O. P.):



Fazia esse caminho para buscar trabalhador nordestino em Ituiutaba pra derrubar cerrado e/ou pra colheita de arroz. Naquela hora era um dia para ir e um dia para voltar; na volta, o almoço era feito de Ituiutaba para a Gouvelândia antiga. A travessia era na balsa, e esta comportava um ônibus, um caminhão e até dois carros, se o caminhão fosse menor. Muitas vezes não era possível atravessar de balsa porque o rio estava muito cheio e não tinha ancoradouro. Quando ventava, era preciso marrar [*sic*] a balsa num esporão (nome de árvore que dava fruto amarelinho muito gostoso) (Relato de pesquisa de campo, out. 2016).

Esse depoimento mostra as principais dificuldades antes e durante o trajeto da primeira balsa do Porto Gouveinha, como as mudanças bruscas de tempo, que ocasionavam ventos fortes e chuvas, e, conseqüentemente, enchentes no rio; e a distância de povoados ou cidades próximas, gerando uma espécie de isolamento. Outras dificuldades na travessia são relatadas pelo primeiro entrevistado (J. J. A.): “[...] já passamo [*sic*] muito medo, já – vento, chuva, né – você perde a visão [...], atravessando a noite, por exemplo, ou durante a tarde, mesmo” (Relato de pesquisa de campo, out. 2016).

Como foi observado anteriormente, o perigo sempre esteve presente no cotidiano dos balseiros. Nas entrevistas, cada um abordou pelo menos um acontecimento de risco, e nem todos estão ligados a causas naturais, já que houve situações de perigo, nas quais a vida deles estava em risco e nem sabiam, como destaca o segundo entrevistado (G. F. S.):

Direto também acontecia de nós atravessa bandido e nem sabe [*sic*], aí passava um pouqui a polícia chegava e nois falava [*sic*] o que tinha acontecido, aí que nós ficava [*sic*] sabendo que o povo era bandido, mas graças a Deus, na minha época, nunca ninguém fez nada de ruim com nós [*sic*] (Relato de pesquisa de campo, out. 2016).

Sobre os meios de transporte e as mercadorias que passavam (e passam) pela balsa do Porto Gouveinha, o entrevistado cita a dinâmica a seguir, mostrando a importância não só cultural, mas econômica e até mesmo social, pois muitos sujeitos goianos e mineiros atravessavam o rio de um lado para o outro, com o objetivo de visitarem parentes e amigos:

Assim, tem mais carro de passeio, né, tem a viação Platina, que é o freguês constante, né, passa quatro vezes por dia. [...] a principal mercadoria que passa é esse pessoal da cerâmica, telha, tijolo e gado. O gado já teve a época que passava bastante, mais de dois a três anos, e passa mais de vez em quando por dia de Minas para Goiás. Então, essa questão de mercadoria é de Minas para Goiás, o fluxo é mais extenso (Relato de pesquisa de campo, out. 2016).

Cumprer salientar que nas proximidades do porto à margem mineira havia um bar e restaurante que, à época, era parada obrigatória para os moradores locais (viajantes) e os poucos turistas que frequentavam essa paisagem, em busca de lazer.

No que tange à mudança ocorrida no lugar, devido à construção da Hidrelétrica de São Simão e, conseqüentemente, com a formação do lago, os balseiros que trabalhavam lá na época presenciaram as transformações, tratando com desprezo e tristeza essa situação. Esse sentimento pode ser compreendido por meio do relato do segundo entrevistado (G. F. S.):

[...] Eu achei ruim por demais, às veis [sic] eu nem sei te dizer o porquê, mas eu num acreditava naquilo. [...] antes, a balsa funcionava assim: tinha uns cabo [sic] de aço que ela ficava presa, como o rio tinha uns 220 metros de largura, a balsa não precisava de motor porque a própria correnteza e os cabo levava ela [sic] de um lado para o outro. O que nois tinha [sic] que fazer era controla [sic], era bão demais, rapidim [sic], eu achava inté [sic] mais seguro porque num tinha que fica [sic] preocupado com a distância que fico [sic] depois das mudanças [...] O lugar também era bunito [sic] por demais... (Relato de pesquisa de campo, out. 2016).

A partir de 1978, a segunda balsa e o Porto Gouveinha foram remanejados de Quirinópolis/GO (especificamente do distrito de Gouvelândia/GO) para o atual município de Inaciolândia/GO, onde até hoje se encontra, realizando o trajeto interestadual Goiás-Minas Gerais. No entanto, essa paisagem ainda promove “[...] relações com o tempo, com o passado, com o território. [...] uma atração quase nostálgica, a uma identidade social e territorial” (CRAVIDÃO, 2014, p. 59).

Tal forma de ligação entre Minas Gerais e Goiás é essencial para descrever os modos de viajar da sociedade contemporânea do cerrado brasileiro. Nesse sentido, as novas cumplicidades entre usuários residentes/visitantes e o lugar “[...] representam, para a sociedade contemporânea, um elo entre a tradição e a modernidade e, por isso, uma ligação em construção permanente” (CRAVIDÃO, 2014, p. 60). Assim, pode-se definir o Porto Gouveinha como um espaço ou território de:

[...] soporte y, a la vez, recurso; pero además, el espacio es recurso y factor a la vez. El espacio es soporte y factor por su condición geográfica: magnitud espacial y atributos de carácter cualitativo, que tiene un valor intrínseco – ya sea natural o cultural – y, a la vez, el derivado de la valoración cualitativa que le otorga la sociedad en cada momento histórico. Esta valoración social conduce, a su vez, a la sociedad en cada momento histórico (VERA REBOLLO *et al.*, 1997, p. 61).

Com isso, o porto tornou-se a principal fonte de renda dos balseiros e comerciantes, a exemplo do que afirma o primeiro entrevistado (J. J. A.): “[...] para mim, é o essencial porque é



onde eu criei os meus filhos, né. Tão [*sic*] moços até hoje, e graças a Deus foi aqui” (Relato de pesquisa de campo, 2016). Se não existisse a balsa, o que aconteceria com os aspectos culturais, econômicos e sociais presentes nela? O proprietário do bar Beira-Rio – quinto entrevistado – (Sr. E. F. B.), responde: “Se acabar com essa balsa, acabou o Ipiáçu, que é a nossa sobrevivência aqui [...]” (Relato de pesquisa de campo, 2016).

Atualmente, outro fator que se destaca no lugar são as atividades de lazer e turismo. Dumazedier (1976) e Santos (2010) definem o lazer como oposição ao conjunto das necessidades e obrigações da vida cotidiana, em que tal atividade é praticada e compreendida pelas pessoas que a praticam, segundo uma dialética da vida cotidiana, em que todos os elementos se ligam entre si e reagem uns sobre os outros. Enquanto isso, Müller (2002, p. 12) expõe que o lazer “[...] acontece no tempo disponível das pessoas e dentro de uma experiência em consonância à atitude adotada de forma gratuita e rica em ludicidade”.

O lazer desenvolvido na região do Porto Gouveinha tem como elemento fundamental a busca pelo descanso em pequenas chácaras às margens do rio, a prática da pesca e o prazer proporcionado pelo uso da água, o que constitui um aspecto essencial na vida de sujeitos que habitam as cidades da região. Santana e Santos (2016-2017, p. 669-670) sublinham que:

De fato, a região do lago de São Simão assinala um forte crescimento das atividades de lazer e turismo nos anos recentes, especialmente em Ipiáçu e Santa Vitória, em Minas Gerais; e em São Simão, Paranaiguara, Quirinópolis, Gouvelândia e Inaciolândia, em Goiás. São pequenas cidades que mantêm fortes traços de identidade com o espaço rural, um patrimônio que, se bem valorizado pelas políticas públicas locais, pode se tornar relevante no fortalecimento e desenvolvimento da atividade turística.

Nesses termos, Santana e Santos (2016-2017) lembram que o lago da Hidrelétrica de São Simão que surge em 1978, na paisagem regional drenada pelo Rio Paranaíba, entre os estados de Minas Gerais e Goiás, foi um projeto responsável por acabar com antigos e rústicos territórios de lazer, mas provocou o surgimento de novas lógicas de lazer e turismo, ofertando novos produtos e serviços.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que ainda há inúmeras histórias não escritas sobre a balsa do Porto Gouveinha, mas se espera que elas sejam contadas também por outros pesquisadores da área de Geografia e de outros campos do conhecimento. Juntos, os fragmentos de lembranças constroem uma identidade



única para o objeto de estudo aqui apresentado. É importante também considerar a balsa e o Porto Gouveinha como referências de lazer e turismo no município de Ipiacú/MG, pois os ranchos e o Rio Paranaíba situados nessa paisagem se destacam por suas potencialidades, tornando-se atrativos para visitantes que buscam lazer relacionado aos esportes náuticos e à pesca profissional e esportiva.

As entrevistas e os depoimentos apresentados mostram que o Porto Gouveinha é fonte de renda e lazer de várias famílias formadas por balseiros e moradores do lugar e da região, visto que nessa paisagem ocorrem todas as atividades econômicas, culturais e de lazer do referido município. É possível afirmar que o transporte realizado pela balsa é a mais pura manifestação cultural da divisa entre Minas e Goiás, conduzida por mãos hábeis e olhos atentos aos segredos do Rio Paranaíba, operando em consonância com a dinâmica hídrica do lugar.

Os sujeitos balseiros revelam o gosto e a intuição do piloto nato, ao navegarem por essas águas das quais a aprendizagem e a maturidade foram colhidas na escola da vida e das margens do rio, em que o aluno é o professor de si próprio; por isso, orgulha-se de ser balseiro do Rio Paranaíba. Tal piloto, por natureza e analisado em termos genéricos, é um condutor realizado em sua profissão, dada a capacidade que possui de poder conciliar e adaptar o pensamento aos movimentos certos e harmoniosos das águas desse rio.

Nos trabalhos de pesquisa, notou-se que a travessia de balsa entre Minas Gerais e Goiás continuar a ter verdadeira aceitação entre as populações dessa região e de cidadãos que visitam as pequenas cidades, cientes de que as idas e vindas pelo Rio Paranaíba transportam o peso de uma tradicional viagem, parecendo aos olhos dos pesquisadores que os viajantes estão ali para defender e manter um meio de transporte que lentamente cumpre sua função em pleno século XXI.

Nas atividades de campo e em depoimentos informais, foi possível compreender que muitos viajantes que passam pelo tradicional porto, mesmo com a opção de realizar a viagem por rodovias asfaltadas, continuam a fazê-la pela balsa, como se fosse uma volta ao lugar. Eles ainda atravessam o Rio Paranaíba dessa forma como se construíssem o sentido da própria vida, numa viagem vista como o tempo de reencontro com eles próprios, com o lugar.

Destarte, o Porto Gouveinha e sua balsa continuam sendo um mosaico de encontros e reencontros entre as culturas mineira e goiana no cerrado brasileiro, pois mantêm um meio de transporte que é próprio do modo de vida paranaibano, característico das suas gentes, do seu tradicionalismo, da sua maneira de viajar e, para além de tudo, dos seus usos e costumes que estão verdadeiramente em conjugação com a ruralidade original dessa terra.

Espera-se que este trabalho possa evitar que a trajetória de vida de balseiros do Rio Paranaíba se perca, mostrando que ainda são responsáveis por uma viagem que continua em pleno



século XXI, construindo novos horizontes na trajetória do lugar, além de preservar uma cultura de travessias, de idas e vindas que estão diretamente ligadas à identidade desse rio.

REFERÊNCIAS

- ABREU, M. Sobre a memória das cidades. In: CARLOS, A. F. A.; SOUZA, M. L.; SPOSITO, M. E. B. (Orgs.). **A produção do espaço urbano**. São Paulo: Contexto, 2012.
- BOAVENTURA, E. M. **Metodologia de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2007.
- BRANDÃO, C. R. **Memória e sertão**. São Paulo: Editora Cone Sul, 1998.
- BUENO, F. da S. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: FTD/Lisa, 1996.
- CRAVIDÃO, F. Velho(s) território(s): novo(s) turismo(s). In: COSTA, C.; BRANDÃO, F.; COSTA, R.; BRENDA, Z. **Turismo nos países lusófonos: conhecimento, estratégia e territórios**. Lisboa: Escolar, 2014.
- DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- EVELYN, G. D. O.; FERREIRA, L. M. A. **Linguagem, identidade e memória social: novas fronteiras, novas articulações**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades**. 2017. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=313140>>. Acesso em: 2 set. 2017.
- LIMONAD, E. Urbanização e organização do espaço na era dos fluxos. In: SANTOS, M.; BECKER, B. K. **Territórios, territórios – ensaios sobre o ordenamento territorial**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.
- MARQUES, L. M. A festa em nós: fluxos, coexistências e fé em Santos Reis no Distrito de Martinésia – Uberlândia (MG). **Dissertação (Mestrado)** – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.
- MARQUES, L. M. A peregrinação ao sagrado: os caminhos que levam à Romaria. **Tese (Doutorado)** – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017.
- MORAES, G. M. da C. Memória e história dos retratistas em Quirinópolis, Goiás – 1935 a 2012. In: URZEDO, M. da F. A. **Quirinópolis – mãos e olhares II: História & Imagem**. Goiânia: Kelps, 2012.
- NOGUEIRA, W. S.; LIMA, M. F. de F. A Fotografia como fonte historiográfica no registro das transformações às Margens do Rio São Francisco em Quirinópolis. In: URZEDO, M. da F. A. **Quirinópolis – mãos e olhares II: História & Imagem**. Goiânia: Kelps, 2012.
- MÜLLER, A. Lazer, desenvolvimento regional: como pode nascer e se desenvolver uma ideia. In: MÜLLER, A.; DACOSTA, L. P. (Orgs.) **Lazer e desenvolvimento regional**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2002.



PREFEITURA DE IPIAÇU. **Histórico e aspectos físicos do município de Ipiaçú/MG**. Ipiaçú: Biblioteca Municipal, 1993.

SAGIM JUNIOR, O.; SAGIM, M. B. **Quirinópolis histórico**. Goiânia: O Popular, 2000.

SANTANA, E. L.; SANTOS, J. C. V. Lago de São Simão e o desenvolvimento do turismo rural: uma nova atividade econômica sustentada pelo trabalho familiar. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 9, n. 6, p. 668-683, nov. 2016/jan. 2017.

SANTOS, J. C. V. Políticas de regionalização e criação de destinos turísticos entre o Lago de São Simão e a Lagoa Santa no Baixo Paranaíba Goiano. **Tese (Doutorado)** – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010.

SANTOS, J. C. V.; SILVA, J. A. Arte popular criativa e turismo cultural na cidade de Loulé (Algarve/Portugal). **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 212-232, maio/ago. 2016.

SEBRAE. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Circuito Turístico Águas do Cerrado** – diagnóstico. Belo Horizonte: Edição Sebrae, 2006.

SOUSA NETO, M. F. de. Breve ensaio em memória dos números da Pós-graduação em Geografia no Brasil. **Revista Geonordeste**, São Cristóvão, ano 25, n. 1, p. 4-14, jan./jul. 2014.

VERA, J. F.; PALOMEQUE, F. L.; MARCHENA, M. J.; ANTON, S. **Análisis territorial del turismo**. Barcelona: Ariel, 1997.

Recebido em 21 de julho de 2017
Aprovado em 26 de setembro de 2017

